SANGUE E POLÍTICA

(VER 2.ª PÁGINA)

AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor : JOSÉ OITICICA

Redação : AV. ERASMO BRAGA, 227-5.º ANDAR — SALA 519

Administrador : MANUEL PERES

ANO VIII — N.º 97 | Rio de Janeiro, Janeiro e Fevereiro de 1955 | Preço: Cr$ 1,00 | CAIXA POSTAL 4.588

Tôda e qualquer correspondência de Redação e Administração deve ser enviada para a Caixa Postal dêste jornal.

O CONGRESSO E A MISSA

A Igreja vai mal, muito mal... de finanças. Quando vemos uma grande firma comercial recorrer a expedientes bancários ou a descabelados processos publicitários, logo desconfiamos de sua situação contábil.

Que leva uma grande firma a crises desesperadas? Ou seus diretores desperdiçam seus pingues lucros (luxo, mulheres, jôgo), ou lhes vai faltando clamorosamente a freguesia. Ora, não nos consta serem o papa, os cardeais, os arcebispos e bispos tão decompassados dilapidadores, sibaritas, mulherengos, jogadores, capazes de assim desaprumarem a secularmente nababesca instituição.

Se a Igreja apela hoje para expedientes reles, de casa comercial falida, é que lhe sopram ventos contrários e periga sèriamente a barcaça de S. Pedro.

Tudo o denota. AÇÃO DIRETA, num dos seus números anteriores, transcreveu, de um jornal burguês, a momentosa declaração, entre gemidos, de um sacerdote católico, sôbre a decadência da vocação sacerdotal no Brasil. Para cinqüenta milhões de brasileiros, clamava êle, há sòmente sete mil padres, quer dizer, bem contando, um padre para sete mil almas. Uma vergonha!

Ora, essa crise de padres salta aos olhos quando vemos a Igreja, contrariando seus mais rígidos preceitos antigos, permitir aos padres dizerem várias missas no mesmo dia, uma só missa para vários defuntos e abolir o jejum do celebrante pelo menos em vários casos.

Dantes, considerava-se puro sacrilégio levar a hóstia consagrada, esôfago abaixo, para um estômago repleto de fritada de bacalhau, sarapatel ou almôndegas bem condimentadas.

Hoje, permite a gerência reze um padre missa às vinte horas!

Mais ainda. Sabemos que a célebre **missa das onze**, a missa carioca da alta roda granfina que acordava às nove e se paramentava duas horas para estadear seu luxo nas igrejas, decaiu desastradamente. E' que os e as da nata carioca substituiram a missa das onze pelas fulgurantes praias chiques do Rio.

A Igreja deve ter fulminado essa catolicíssima granfinagem com suas severas admoestações; mas, êsse escol não lhe deu bola e continuou a desertar as naves e as sacristias. Que fez a gerência vendo escapar-lhe a freguesia? Invenotu a missa das seis da tarde. Às seis da tarde, a gente chique, isto é, a gente endinheirada, o freguês rico da Igreja, deixou a praia, dormiu sua sesta e pode assim, antes do jantar, às oito, estadear seu luxo, suas elegantíssimas figuras nos templos. Sucedeu à Igreja o mesmo que às emprêsas teatrais. Outrora, qualquer teatro começava às oito da noite. Passaram depois, às oito e meia. Hoje é às nove; mas, quase todos, só começam às nove e um quarto, à espera dos dinheirosos espectadores que acabam de jantar às nove.

Apavorada com a publicidade comunista, estardalhante, mentirosa e envolvente, inventou a Igreja a ação dos padres operários! Quem poderia imaginar tal cousa! padres trabalhando no pesado. Aconteceu, porém, que êsses padres acabaram por sentir e ver a miséria real dos trabalhadores e perceber na Igreja a secular colaboradora da classe rapinária dos tubarões.

Novo pavor! ordens para acabar com os padres proletários; mas êstes resistiram.

AÇÃO DIRETA publicou aqui notícias com fotografias de bispos e freiras dirigindo tratores e qualquer carioca pode ver aqui no Rio de Janeiro livrarias católicas dirigidas por padres, com freiras ou noviças feitas caixeiras, de espanador na mão, desempoeirando livros. Uma beleza.

A Igreja, pelos sintomas, vai muito mal... de finanças. Por isso, tem renovado, com tôdas as possíveis regras da ciência publicitária, seus processos de super-propaganda. E inventou para os povos de língua portuguesa, Nossa Senhora de Fátima e os Congressos Eucarísticos. A colheita monetária é vultosíssima, sobretudo quando ajudada pelos dois governos, o federal e o municipal. Vamos dar exemplo de um dos expedientes: qualquer negociante ou industrial que, para reclamo de sua casa ou indústria, inventar qualquer produto com alusão ao Congresso Eucarstico, tem de dar aos pròmotores do Congreso dez por cento da venda.

Isso é um dos expedientes ressaltantes. Há, porém, os sub-reptícios, os imperceptíveis, os mais rendosos, diretamente vindos do tesouro público e escoradores da casa falida.

E' todavia, claro claríssimo, que a freguesia católica debanda escandalosamente. Certos recursos publicitários da Igreja, tal é o seu desespêro ante o abismo, tão contraproducentes são, que assombra aos de fora o ter-se ela dêles valido. Exemplo: o dogma da Assunção da Virgem. Supuseram o papa e seus agentes da Cúria Romana ser êsse dogma formidável isca para incautos e fanáticos. Pela frieza causada, êsse verdadeiro desafio à razão humana produziu o efeito de água na fervura, de pura geladeira e... morreu.

Melhor, muito melhor é o carnaval das missas campais como das procissões espetaculares da Virgem de Fátima e os infalíveis fogos de artifício, coisa mesmo de embevecer crianças e papalvos.

Ouçam agora, em segrêdo, uma indicação da aflitiva situação da Igreja. Ao passarem pela velha igreja de S. José, ao lado da prefeitura nova, entrem e admirem o presepe ali armado. Cousa de estarrecer e atrair a multidão já descrente da Igreja e seus guias: há numa tôrre sinos que batem mecânicamente, caminhos bem gramados por onde passam jumentos de cauda e cabeças movimentadas, camelos a andar, muita gente a cruzar a estrada, tudo isso bem sincronizado mercê duma sábia aparelhagem elétrica.

Notem, porém, o seguinte: os visitantes, chamados pelos sinos vão apreciar a máquina, acham tudo aquilo eficiente e engraçado e, logo depois, saem como entraram sem sequer se benzerem, sem sequer se voltarem para os santos, coitados! resignadíssimos à fatal derrota de tanto prestígio velho reduzido a mera recordação histórica.

Dies irae, dies illa...

A AÇÃO DIRETA NA ÍNDIA

Anárquico é o pensamento e para a anarquia marcha a história.

(GIOVANNI BOVIO)

Sim! Para a anarquia marcha fatalmente a história. Isso o demonstram numerosas iniciativas de fundo visceralmente anárquicos, atualmente repontantes aqui e ali.

Ao gigantesco movimento de Makhnó abafado pelo nefando bolchevismo, ao extraordinário florescimento das coletividades agrícolas da Espanha, em plena guerra, aos definitivos êxitos das **Kivutsim** israelitas, temos de ajuntar agora a vasta agitação, caracteristicamente anárquica, em andamento na Índia, conhecida com o nome de **movimento Bhoodan.**

Com a devida vênia, vamos transcrever, do número 92, de 1.º novembro passado, da publicação **Da Índia Distante** o de que nos informa sôbre essa anárquica solução da insolúvel questão agrária na Índia. Diz assim:

"O povo de Manpur, longínqua aldeia de O isso, iniciou um novo capítulo em sua vida. Até ontem estava êle dividido em homens sem terras e proprietários; hoje, cada um possui seu pedaço de terra. O lote é de 3/4 de acre por pessoa, além de 1½ acres por família.

(Dessa redistribuição de terras, um campo de 50 acres foi destinado à lavoura cooperativista, cuja renda fornecerá os meios para os programas de desenvolvimento da aldeia.

A história desta revolução, pacífica remonta a 1952, quando Vinobha Bhave, homem magro, de voz macia, de óculos, chegou à aldeia. Dizia êle que a terra pertence a Deus e que tôdas as possessões exclusivas não eram naturais. Pediu ao povo que reorganizasse sua vida dividindo o que possuia com os que nada tinham.

Tôda a população da aldeia, composta de 114 famílias harijans, seguiu seu conselho doando suas terras ao movimento Bhoodan. Recentemente essas terras lhes foram devolvidas, sendo distribuidas de acôrdo com as necessidades e capacidade de cada indivíduo e de cada família.

Isto é apenas um exemplo do novo fermento do movimento Bhoodan, que, cada vez mais, vai tomando conta de maior número de camponeses. Êles estão doando, não apenas terras, mas outros recursos para auxiliar os desprovidos a recomeçarem a viver.

3.300.000 acres de terra angariados

Iniciado como método de persuasão pacífica, a mensagem espalhou-se ràpidamente à maioria das aldeias indianas, principalmente em Uttar Pradesh, Bihar, Hiderabade e Orissa. Vinobha Bhave e seus discípulos percorreram vastas regiões recebendo doações de 3.300.000 acres, o que representa 800.000 acres além do alvo fixado.

Bhoodan foi inicialmente praticado em Telengana, Estado de Hiderabad, onde algumas pessoas haviam destituido, pela fôrça, outras tantas. Cêrca de 35.000 acres foram recebidos. A contribuição variava de uma **gantha** (¼ de acre) a 1.000 acres.

Essas terras foram redistribuidas entre os mais necessitados. Triunfava o amor e prevalecia a ordem.

"Todos são membros de uma família e todos devem dividir tudo o que possuem". Com tal mensagem, os adeptos do Bhoodan vão, de porta em porta, instruindo o povo sôbre a filosofia da vida coletiva e igual. Qualquer que seja o donativo — terras ou dinheiro — êle é distribuido entre o povo da mesma aldeia, cabendo uma proporção maior aos sem terras e aos inquilinos empobrecidos.

O QUE É "BHOODAN"

O movimento Bhoodan não se reduz apenas a terras, mas abrange donativos de tôdas as espécies que o povo esteja disposto a fazer voluntàriamente em benefício da sociedade.

O movimento visa a criar melhoria econômica e social através de métodos pacíficos. Apresenta um novo modo de vida pelo qual o povo ficará consciente das necessidades de seus semelhantes, despertando a idéia de que deve dividir entre si terras, dinheiro e conhcimentos. Os membros da sociedade são indivíduos que defendem o lema "um por todos e todos por um".

SEM EMPRÊGO DE COAÇÃO

Segundo os trabalhadores Bhoodan, o têrmo "dan" ou donativo é impròpriamente usado pois indica caridade. Acham êles que o têrmo faz parte de uma expressão mais completa "**danam sama bibhagah**" que significa: donativo é distribuição equitativa". Devolver à sociedade a propriedade, da qual os indivíduos são apenas curadores, não é caridade, é dever ou ato de restituição".

Como se vê, pura AÇÃO DIRETA. São os próprios trabalhadores que resolvem os seus problemas. Nenhuma intervenção do Estado, de patrões ou partidos políticos.

Êsse movimento há de triunfar pois é um vasto apêlo à fraternidade, à compreensão, ao altruismo. Não é ainda o puro anarquismo; todavia, para lá corre a passos largos.

A TRINDADE

Por PEDRO PEDROSO

Quanto maior a miséria do povo, maior a expansão do clero. Atualmente, no Brasil, êsses parasitas estão em pleno apogeu. Desde 1930, não tinham tanto poder. Sete anos atrás não tínhamos Capelão Militar; hoje os temos em tôdas as classes armadas e chegaram ao cúmulo de possuir uma Pontifícia Universidade Católica reconhecida e subvencionada pelo govêrno. Sendo o casamento um mal, o divórcio é um lenitivo; êles, porém, são a favor do mal e contra o lenitivo; enfim, são contra tôdas as grandes evoluções da humanidade; suas mentalidades são as mais reacionárias possível.

Como na Argentina não lhes é mais permitido dar ordens, voltam-se para o Brasil, pois seu ex-aliado Perón está fazendo atualmente demagogia para distrair o proletariado dos seus problemas à custa dessas aves de rapina. Aqui, no Brasil, o campo é vasto pois somos país atrasado onde tudo está para ser explorado e o povo quase fatalmente analfabeto. Êles, com a sua dialética jesuítica, muito têm que ganhar. Basta dizer que, aqui chegando um cardial, o Presidente da República o vai receber quebrando todos os protocolos presidenciais. O Presidente anterior lhes deu, de mão beijada, um grande auxílio em moeda corrente para realizarem êste nefasto Congresso Eucarístico e o atual que a LEC (Liga Eleitoral Católica) não aconselhou como candidato e tudo fêz para derrotar, é o seu maior aliado para que êles cheguem aos seus fins. Não sendo católico, tudo faz para provar, pràticamente, que é amigo indispensável. Sendo antigo elemento da esquerda e contribuinte do socôrro vermelho, tudo faz para mostrar que agora nada o liga às antigas idéias, que sòmente serviram como demagogia para galgar o ambicionado objetivo.

Nunca, em país nenhum, chegaram os governantes ao cúmulo de aterrar uma baía para satisfazer a incapacidade de um administrador e ao clero, sob a alegação de falta de espaço para realizar um congresso de Beatos que nenhum benefício trará ao povo. Se a atual época é de economia, de corte nas despesas, porque então não se corta esta em benefício da coletividade? Não é o Vaticano o Estado mais rico do mundo? Pois então que arque com as despesas dêste Congresso.

A quem deseja viver folgado sem apertos financeiros, basta ingressar em Academia Militar ou algum Seminário. Isso, com outras palavras, há muitos anos dizia Stendhal. De fato não sendo a pessoa, **humana**, isto é, não se preocupando com o bem estar de seus semelhantes e desejando sòmente o seu e de sua família, o melhor caminho que segue é êste: ser militar ou padre. Terá tantos privilégios que não necessitará de Sindicatos para defenderem suas reivindicações. Nunca vi padre magro. Se existe, é exceção a regra; são todos gordos, têm boa alimentação bons vinhos, boas mulheres, bons alojamentos e dinheiro à farta (de acôrdo com a paróquia).

Quanto mais atrasado um povo, mais fácil é seu domínio pelos padres e militares que são grandes teólogos e estrategistas, de tudo entendem e tudo explicam. Quem pode fugir à ditadura da inteligência? Por isso, e sòmente isso, êles não transformam suas paróquias em centros de alfabetização, mas, como sinceros discípulos de Loyola, abrem Faculdades que dão menos trabalho e maior produto, fora a ajuda do govêrno. Os moços que alí ingressam tão ingênuos são, que se deixam envolver pela dialética dêsses êmulos de Loyola. Se vivo fôsse Clemente XIV, novamente os expulsaria e novamente seria envenenado para glória de Deus e Bem Estar dos Padres.

Sinceridade não há em Padre, Militar e Político. O Padre diz que o casamento é indissolúvel, entretanto a história regista diversos casos de divórcios de reis e rainhas.

Porque concediam êles divórcio se lhe eram e são contra? Porque eram reis e rainhas que o pleiteavam e não pobres homens desprotegidos da fortuna. Disso tudo se conclui que, pagando o têm, em caso contrário, só se aconselha penitência para minorar as agruras da vida e redimir os pecados. O dinheiro é uma chave que abre tôdas as portas; êle faz com que cardeais, bispos, monsenhores e padres batizem navios de guerra, aviões de bombardeio, caças, etc. Dá autorização escrita ou verbal para que Mussolini invada a Abissínia numa sexta-feira santa.

Aceitam e estimulam a prostituição porque dela usufruem e é a válvula de escape da mocidade que não pratica nem acredita possa alguém ser purinho, bonzinho e castozinho. Se não fôsse a Igreja exigir e os governantes aceitarem o casamento, não haveria no mundo a praga da prostituição. Se Cristo não ressuscitasse Lázaro, não teríamos lepra no mundo, mas o filho de Deus o ressuscitou porém se esqueceu de o curar.

Todos os anos, no Brasil, se comemora o Dia da Criança; tôdas as camadas sociais contribuem com dinheiro para a campanha, esquecendo que são êles mesmos que fazem com que as crianças não tenham lares nem educação necessária. Aproveitam-se da campanha para fazer obra filantrópica.

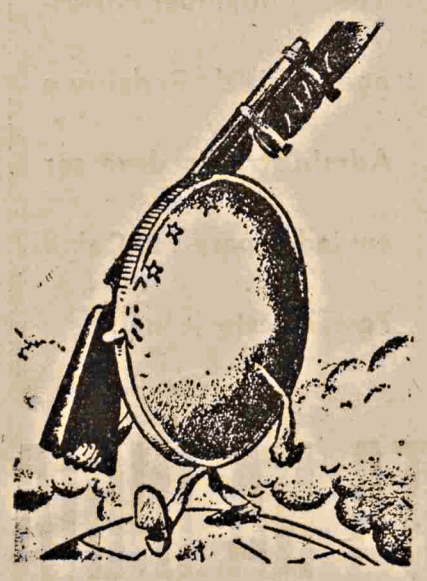
Se os políticos fôssem sinceros, logo que assumissem o cargo para o qual tanto prometeram, tornariam em validade suas promessas.

Infeliz de quem acredita na sinceridade do Político, do Militar e do Padre. Os que se deixam levar por suas ladainhas se prejudicam e prejudicam tôda a coletividade. Enquanto houver uma parte da humanidade que coopere com essa trindade pessoalmente, monetàriamente ou mesmo com sua passividade, sob alegação de tolerância e respeito às idéias de outrem se esquecem de que tôda religião tende a ser absoluta não respeitando as demais e os políticos declaram guerras a outros Estados e os militares os invadem matando, em conseqüência daquela declaração, mulheres, crianças, inválidos etc., contribuindo dessa maneira para aumentar o número de desgraças a mais no mundo. Enfim, enquanto houver essa nefasta trindade na face da terra, desgraçados de nós.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Sangue e Política

Por NEMO



Ver acontecimentos indignos, sentir ânsias de justiça e viver fatos que a depõem, o crime esbofetear a decência, respirar-se a podridão de impérios repelentes de mentira, ver as fôrças politicas em demente ambição e surgirem núcleos obscuros de vergonha, criar-se ódio entre irmãos, comparar a situação do Estado com a do trabalhador, a do capitalismo com a do povo, a do político ante o votante, confortar opulência com miséria, abundância com sofrimento, tudo isso causa, no pensamento humano, revoltante dor.

Temos denunciado, continuamente, à consciência do povo, essas tramas política odiosas, infames criações de catástrofes. Desta vez, inesparadamente, a trama suja os salpicou. E o pensamento humano treme ante fatos e conclusões que poderia ter suscitado o desenrolar de tudo isso.

O povo, êsse que trabalha e produz, que sua e sofre, único raciocinante nesse delírio, fica perplexo e consternado ante as irrefutáveis provas de intrigas, manobras e roubos políticos, que vão aparecendo. Pode dizer-se, com dobrada razão, que, nada mais que por sua grandeza, ao ver-se fraudado em todos os seus direitos, seria êle o único que poderia falar, gritar, exigir e até lançar-se à revolta.

Diremos mais que, seguindo-se a lógica, se alguém houvesse que intentasse frear os justos fatos, êsse atraiçoaria a justiça; e, se alguém se interpusesse combatendo essa violenta ação, se converteria em cúmplice e criminoso.

O Estado e seu govêrno demonstrou por obras e comportamento, não só haver-se conformado exercendo descarada exploração, senão também violado e ensanguentado as bases das diversas, legítimas e pequenas conquistas concedidas, arrancadas e estabelecidas.

O povo perdeu a confiança; entrou em estado de alerta. Necessita, para satisfação sua, de mais perfeita estrutura. Necessita de reger seus destinos à margem de escabrosos e negros labirintos. Necessita de garantir seus direitos para evitar que seja preciso ação violenta em suas defesas.

Tal ação não seria impulsionada por embriaguez política, por dólares ianques ou rublos moscovitas, crimes e horrores sem nenhuma utilidade social. Não se confundiria. Traçaria o rumo verdadeiro: as liberdades conquistadas em perigo, as melhoras proletárias e o da Revolução Social. Sòmente sôbre tais bases seria a ação salutar.

Deram-se, de um e outro lado, numerosos fatos violentos, cujo incremento constantemente se avivou pelo fogo e estímulo permanente das frações em que se apoia o corrompido aparato político parlamentar. Todos êles desviados por vias tortuosas de finalidade negativa.

Fatos inteiramente políticos em que participou algo do povo. Todos os setores atuaram para produzi-los, nenhum para freá-los. O capitalismo estatal sorria ante seu lema: "Dividir para reinar". Criava, no âmbito da nação, essa trágica divisão popular, metódica e calculada, afim de que as fôrças proletárias se estanquem, se entretenham, se ceguem e se matem entre si.

Advertimos também, aos poucos honrados que neles se encontravam, guiados pelo são, iluso impulso de protestar, frear e destruir abusos e delitos, que perderam seu tempo. Nada se obtém por meio das confusas leis jurídicas estatais; elas pertencem a um falso sistema e êsse sintema está em pé.

Êsse sistema representa a plataforma imperialista do capital, a que falta o menor vestígio de evolução; sistema em que os protestos morrem viciados nas barreiras políticas, porque, em política, tôdas as batalhas são funestas à verdade. E' a luta dos cegos. São fôrças e sangue perdidos sem fim ou necessidade.

Todo partido vencido tem de instruir seu processo. Nada mais tenebroso que essas questões. Nessas obscuridades chamadas encostas políticas, jamais se sabe a verdade. As vítimas sempre são do vencido.

Os *apóstolos* da mentira deram largas à rivalidade. Pugilato de gritos e violências. Mescla de roubos, crimes e suicídios.

Apóstolos de baixo, de cima, do centro ou da esquerda. Simbolos dêsse perigoso militarismo orgulhoso e dêsse parlamentarismo mentiroso e atávico. Pesos da nação que vivem às costas, à margem e tão afastados da realidade popular.

Tubarões de farda e casaca, de verborréia fácil e fatos cavernosos, saídos, nas eleições, de urnas viciosas, com palhaçadas de rua, truanices de salões e votos de miséria a tantos cruzeiros cada um.

São êsses os que dizem representar o povo. Impostores, ambiciosos, nada mais.

Não podem ser seus representantes porque o exploram, porque o esmagam e, cousa mais horrível e triste, porque o ignoram.

Ouvem-se grandes gritos políticos pedindo justiça. Mas, que justiça? Não a que deve reivindicar a situação sofredora do povo enganado; não a que deve sustar a odiosa diferença de classes; não a que deve matar a especulação e a exploração; não a que deve exterminar a miséria e suas favelas; não a que deve impedir que nossos irmãos e nossos filhos sucumbam nas ruas e hospitais.

Pedem simplesmente justiça contra rivais de camarilhas, contra *senhores* da política, contra *senhores* de palácio que acertam suas contas, a justiça do "sai daí para que eu me instale pois faz muito que te regalas!". Tudo, manobras esconsas e disfarçadas sob a cortina de vários princípios: democracia, constituição, liberdade, parlamento, vida nacional, etc., etc. Os mesmos argumentos velhos e caducos.

Desgraçadamente, a política não se apoia em princípios; repousa ùnicamente em ambições. Olhada de baixo, vêem-se seus defeitos; mas, vista de cima, descobrem-se-lhe os crimes.

Anunciam-se, com grandes rótulos, advertências em todos os sentidos, linguagem sempre repetida, formulário antiquado. Nestes momentos, só os fatos representam a realidade.

Povo! não confies em políticos ou militares. Só tua fôrça defenderá tuas liberdades; só tua fôrça conquistará teus direitos.

Povo! tua luta é a de teus interêsses, tua missão a do teu porvir, tua ação a de tua própria razão a par dos sentimentos humanos e proveitos coletivos.

E nota bem: acima dos ministros, acima dos generais, acima dos cardeais, deputados, padres e militares, o Brasil e o mundo inteiro têm um onipotente representante, motor de grandeza, potência e vontade. Seu nome é o teu, pois, com tua atividade e tua fôrça, tudo podes conquistar e transformar.

Nós, anarquistas, fiéis em nosso pôsto, lutando por teus direitos contra seja quem fôr, cumprimos nosso dever.

Não nos enganam os que roubam, os que exploram, os que aproveitam, os que mentem e os que assassinam. Não nos importam palácios, quartéis ou parlamentos. Só nos importa o povo, a Humanidade.

Nossa luta é a AÇÃO DIRETA.
Nosso fim, a Revolução Social.

CARTAS DE FRANÇA

COMENTÁRIOS QUE NÃO PERDEM ATUALIDADE

Por JULIAN FLORISTAN

(especial para AÇÃO DIRETA)

Numa revista de há três anos, leio: "Em 1949, calculou-se que o povo francês, para alimentar-se e alojar-se, gastou 591 bilhões de francos. Um cálculo aproximado dos gastos do exército de terra, mar e ar, gastos na Indochina e França de Ultramar e outras despesas gerais militares, somaram 595 bilhões de francos. Significa isso que, com o despendido na milícia, **em tempo de paz**, se poderia ter mantido e alojado **gratis** tôda a nação".

Desde então, tem crescido a quantia dada pela população para alimentar-se, nada mais que pela alta dos preços, e o orçamento de guerra aumentou muito mais por motivos vários. A guerra da Indochina, acesa e alentada indiretamente pela Rússia, é uma das principais, guerra que ninguém desejava, porém que se foi sustendo a fim de manter **bem alta** a honra da nação, que sói antepor-se ao bem estar e tranquilidade do povo; guerra sustentada pelos Estados Unidos, não com homens, senão com créditos e material, por formar ela parte do seu plano de entreter essa permanente psicose, sem a qual não poderia justificar sua indústria de guerra desde que cessou o fogo na Coréia. Isso porque o capitalismo americano como o de outros países, vem demonstrando não ser capaz de achar outra solução para a crise galopante que invade o mundo.

Não! a França não desejava aquela guerra. Tinha e tem preocupações bastantes em Túnis e Marrocos. Mas, os políticos não eram capazes de achar saída aceitável para o conflito. Parecia irem a reboque da política americana. Sem dúvida, temiam inimizar-se e perder o auxílio em dólares e materiais diversos. Se o sr. Mendès-France logrou acôrdo e com êle cessou o fogo na Indochina, temos de esperar que o tempo confirme essas boas intenções que todos afirmam ter ela.

Rússia move os peões ao jeito de sua tática de ficar fora do alcance dos canhões, tão nossa conhecida. Dessa vez foi a China quem atuou em seu nome e da mesma forma. E foi necessário partir o país em dois, como a Coréia. Isso quer dizer que, em ambas, pode a qualquer momento, acender-se de novo outra guerra tão necessária ao comunismo russo a fim de entreter sua demagogia e seu desejo de expansão (libertação, dizem êles), como ao capitalismo americano para justificar sua política armamentista e evitar que o desemprêgo forçado aumente e, com êle, uma crise econômica e pânico industrial de incalculáveis alcances, para não dizer catastrófica, à sua economia.

Não é fácil argumentar sôbre a parte que, no desejo de libertação **política**, têm as populações da Indochina. País pouco desenvolvido ainda e, em grande parte, afastado da luta social e econômica, obedece a mandarins modernos como o imperador Bao Dai, cuja vida se escoa em cabarés e casinos, folias e roletas, esbanjando suor, lágrimas e sangue de todo um povo, sem se preocupar com sua verdadeira sorte.

O caso de Túnis e Marrocos difere algo. O nacionalismo fanatizado e imbuído de uma religião arcaica, trata de impor-se, com razão ou sem ela, e faz uma guerra de guerrilhas, de tipo individual, recorrendo à emboscada, e ao atentado ou à sabotagem, criando assim uma situação de insegurança e semeando o terror em tôda parte. A destituição do anterior sultão de nada reduziu o descontentamento; antes, o aumentou, se possível.

O colonialismo vai-se convertendo em mau negócio. A Inglaterra teve de ir-se retirando estratègicamente e também a Holanda. A França não ficará remédio senão fazer o mesmo, a menos que prefira essa situação de preocupação permanente. A classe trabalhadora poderia ser fator determinante e sem discussão se suas organizações não estivessem nas mãos dos políticos com mais ou menos escrúpulos, porém sempre mais atentos ao triunfo de seus partidos que ao bem estar e emancipação dêsses mesmos trabalhadores, os quais, com tanta mansidão, os aguentam e mantêm em suas poltronas.

Não chegarão um dia a reagir os produtores dêste país, berço outrora do Sindicalismo revolucionário?

Já a C.N.T., aderida à nossa Associação Internacional dos Trabalhadores, com sua clara posição anti-colaboracionista, é um sintoma alentador nestes momentos de confusão quase geral.

OS INSTITUTOS DE VARGAS

A viga mestra do sistema trabalhista do sr. Getúlio Vargas são os institutos de Previdência em teoria, destinados exclusivamenet a amparar o trabalhador, a dar casa ao trabalhador, a dar hospitais e assistência ao trabalhador, enfim, a permitir que o trabalhador possa viver libertado da miséria e da caridade que, muitas vêzes, é mais humilhante do que a miséria. Pois bem, o dinheiro dos institutos de previdência, os incomensuráveis recursos dos institutos de previdência foram, durante a dinastia Vargas, menos empregados em benefício do trabalhador do que em amparo aos piores e mais nefastos capitalistas do Brasil. Êsses recursos eram esbanjados até em propaganda eleitoral dos mais escarrados protótipos do capitalismo parasitário; eram empregados em subvencionar jornalistas como Samuel Wainer, cujo diagnóstico bio-social faz aquêle documento sordido que foi uma sua carta oferecendo charutos ao tenente Gregório; eram empregados em subvencionar todos os gregórios que a república nova chocou, criou, alimentou fartamente; eram empregados em negociatas as mais desfaçadas; eram empregados em bandalheiras as mais desavergonhadas. Um inquérito nos institutos de Previdência levaria muitos figurões da República e principalmente da alta finança, muitos membros do Parlamento, eleitos à custa do trabalhador a seguirem o exemplo final do Sr. Getúlio Vargas, se essa gente, que tanto contribuiu para o suicídio do Presidente, fôsse capaz dêsse gesto de violência justiçadora.

(Da revista **Anhembi** — Vol. XVI n.º 47 — S. Paulo)

DE GUATEMALA

Por DALMAU

O novo ditatorito guatemalteco, o bonifrate da **United Fruit Company**, Carlos Castillo, em agradecimento ao resultado satisfatório de suas últimas andanças, presenteia seu amo, Eisenhower, com um rico prato de prata, colhido certamente nos despojos de suas façanhas. Ao mesmo tempo, diversas emissoras anunciam, pomposamente, que vinte infelizes, condenados pelos últimos sucessos vão cair fuzilados. Vinte seres humanos que a **redentora** e a nova sucursal do voraz tio Sam precisa sacrificar em favor de sua propaganda.

As sãs consciências se indignam ante êsse crime. Nada tão sinistro como essas bárbaras medidas de sangue e monstruosidade. A voracidade imperialista continua esmagando as leis eternas da razão. Em tôdas as consciências honradas, ergue-se uma voz de justiça que, assomada, grita: Que estás tolerando aí?

No mundo inteiro, os imperialismos, privados de sentimentos e moral, apoiando-se na exploração, roubos, cadeias e mortes, precisam dêsses crimes para criar êsse terror, base de seu lucro.

Dir-nos-ão, para tranqüilizar nossa indignação, que êsses pobres desgraçados, cuja fatídica sorte nos preocupa, são comunistas soviéticos, delinqüentes terríveis, malvados criminosos, capazes de cometer os piores atos e criar negras situações em todos os países.

Essas acusações, a nós anarquistas, não convencem. Objetivos na justiça, que situamos entre as virtudes, sentimentos e sofrimentos humanos afastando-a da monstruosa delinqüência estatal, criamos a balança justa e precisa, que obrigatòriamente, concorda com a razão humana

Os condenados são parte dêsse povo guatemalteco, sofredor e explorado.. Conhecemos seus delitos: reivindicar sua posição de classe e combater a exploração descarada das companhias ianques, e, neste século XX, reclamar seus justos direitos de vida, liberdade e trabalho. Isso é ser **comunista** para Washington ou **imperialista** para Moscou, qualificativos de aplicação fácil, inventivas com palavras elásticas em cujo âmbito se encerra a cômoda defesa estatal, falsas definições que evidenciam o canalhismo e a debilidade daquêles que, hipòcritamente, as criam e aplicam.

O embaixador de Guatemala em Lisboa, respondendo a diversos protestos contra êsses assassínios, com incrível laconismo, cospe esta cínica resposta: "Em Guatemala não se praticam execuções em massa". Se não fôsse a tragédia que essas palavras em si contêm sorriríamos ante elas.

A escola do terror vermelho de Moscou vai propagando seus métodos que, aplicados com requinte crescente e virada a etiqueta do nome, deu, com justa definição, o terror branco.

Êsse terror, na Espanha franquista como em Guatemala e outros Estados, com tribunais adequados e de estrutura idêntica à soviética, condena em massa, de vinte em vinte, de cem em cem, a seres que, depois, são fuzilados, lentamente, inumanamente, de um em um, de dois em dois.

Seria criar ilusões pensar que algo eficaz, imediato, se poderia fazer em favor dêsses mártires. O imperialismo não possui entranhas e só recua ante a fôrça justiceira e salutar da **ação direta.**

Sendo nosso impulso fiel intérprete dos sentimentos dos nossos corações, não pode deixar de lançar, aos povos da Humanidade, uma voz de protesto. Sirva de advertência aos verdugos que existem fôrças que lutam contra seus crimes e de confôrto às vítimas à espera dessa manhã que lhe dará sua felicidade.

Êsses condenados são, para nós, irmãos revolucionários. A balança incorruptível do porvir os lavará dessas falsas acusações e qualificativos de terroristas, comunistas, etc., etc.

Nossa consciência não se prostitui nem se inclina ante as decisões dos tribunais de botas, pistolas e santos. Não pode ficar satisfeita ante insensatos que dizem: "Isto é assim, porque é".

Nossa justiça é a do povo consciente, ampla e coletiva. Impelida em seu movimento pelas imutáveis leis da razão, colhe, examina, qualifica e concede o máximo de direitos.

Lamentemos o povo guatemalteco, insultado, roubado e extorquido em seus direitos, suas necessidades, seu sangue, êsse povo que sonhou, trabalhou para deprender-se de sua ignorância, safar-se de sua miséria, levantar suas ruínas, forjar um porvir e, defrontando a bárbara exploração das emprêsas ianques, suplicou, ingênuo, seus direitos. O tio Sam, piloto impôsto do século XX, impertinente curador dos pequenos povos, entre crimes, escombros e miséria, lhes mandou sua resposta. Por quem? Por verdugos e coveiros capitaneados por um bandoleiro, Carlos Castillo.

DIREITO AO FILHO

novela de FEDERICA MONTSENY
(tradução de José Oiticica)

(Continuação do número anterior)

Quando a si volveram, olharam-se com profundo estupor.

— Agora, Rosa Maria, já não posso ir-me! disse êle resolutamente.

Ela, horrìvelmente perturbada, ergueu-se.

Andaram, silenciosos, largo trecho. Rogério segurava as mãos ardentes de Rosa Maria, parecia guiá-la e querer tranquilizá-la com terna pressão.

— Rosa Maria, perdoa-me uma vez mais?

Ela se voltou, enfim, fitando-o com estranha tranqüilidade.

— Mais uma vez, nada tenho que perdoar-te. Nada se passou que eu não desejasse do íntimo do meu coração.

— Rosa Maria, meu dever de homem obriga-me a ficar aqui.

— E porque sim, agora e não, antes? Será que agora não existem tua mulher nem teus filhos?

— Existem, mas também existe, aqui, êste momento, além do teu amor.

— Voltemos para casa. Ali falaremos. Nesse ínterim, serenarei de todo.

Caminharam em silêncio até a casa. Ao cruzarem o povoado, miravam-nos todos curiosamente. As línguas, encantadas de poderem saciar seu afã de movimento, entregavam-se, deliciadas, ao murmureio.

Rosa Maria trancou-se em seu quarto. Saiu à hora da ceia.

Rogério, consumido de impaciência, enfebrentado e angustiosamente indeciso, olhou-a ansioso.

Ela tranquilizou-o com um sorriso, serena e estranhamente alegre.

Cearam e, quando tia Adela, como tôdas as noites, se retirou para descansar, deixando-os sós, Rogério aproximou-se dela.

— Rosa Maria, já pensaste no terrível e difícil de nossa situação?

— É mais terrível e difícil hoje do que ontem?

— É possível que me perguntes isso?

— Não o encaro como tu.

— Honradamente, não posso deixar-te depois do que por mim fizeste. Entretanto, sabes os compromissos por mim contraídos, mulher e filhos que me esperam em outro lar.

— E porque não me podes deixar agora e antes sim

— Rosa Maria! Não pensas no passo que demos... na possibilidade de ter conseqüências a loucura desta tarde? E que será de ti, entregue à ferocidade e preocupação do povoado, vítima propiciatória de todo o fanatismo e tôda a gana primitiva de devorar?

— Que teria sido de mim, sem nenhum objetivo de vida, na solidão e no desolamento?

— E agora, e agora, que fazer?

— Ires-te tu e ficar eu aqui.

Miraram-se frente a frente, Rogério, seriíssimo, Rosa Maria, sorrindo, com aquela estranha serenidade que desconcertava Mendoza.

— Serias capaz de abandonar tua mulher e teus filhos, sacrificando-os a um momento de loucura ou de amor, de que mais responsável sou, que tu? perguntou ela com severidade.

— Rosa Maria, eu enlouqueço. Por isso, pergunto: que fazer? que fazer? Que pensarias de mim se cometesse a vilania de abandonar-te, depois do que passou?

— O mesmo que pensava quando cometias a vilania de abandonar-me sem nada haver passado.

— Que pensavas?

— Que o amor, da própria pessoa se alimenta. Que não há fogo recíproco no amor. Amamos! Não somos amados. E o gôzo, a exaltação do amor está em amar, não em ser amado.

— Eu te amei, Rosa Maria. Amei-te e amo-te ainda. Com uma só palavra, me farias deixar mulher e filhos.

— Pouco digna de teu amor seria eu se a pronunciasse. Tenho riqueza, ninguém de mim depende. Tu espôsa e teus filhos só a ti possuem. A êles deves-te. Vai-te. E podes partir, agora, mais tranqüilo que antes. Antes, me deixavas sem nenhuma esperança. Agora, me deixas com a esperança do fruto desta tarde.

Rogério ajoelhou-se aos pés de Rosa Maria. Agarrou-lhe as mãos e pôs-se a beijá-las, dedo por dedo, unha por unha. Depois, apoiou a cabeça sôbre o coração que por êle tantos anos pulsara e premiou, com uma lágrima de emoção e agradecimento, o amor desinteressado e puro, e a nobre e grande oferenda.

VII

O POEMA DO FILHO

Quando começou a sentir o primeiro latejo, quando a primeira gozosa notícia anunciou a grande nova, entrou a fazer sol, todos os dias, na alma de Rosa Maria.

Os primeiros dias foram de calma, de lassidão, de súbito aquietamento, de absoluto sonho do corpo e do coração. Passava

(Continua na pág. 3)

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Livro Indispensável

Cortina de ferro significa impenetrablidade dos olhos curiosos do ocidente aos usos e costumes, processos e dogmas, urgidos, vividos, perecidos, substituidos no grande mafuá econômico-político da U. R. S. S.

Faz-se a **cortina** com técnica vária: fechamento policial das fronteiras; severa fiscalização de quem entra ou quer sair; censura absoluta de qualquer espécie de publicidade; vastíssimo sistema de mentiras e falsificações encobridoras da realidade e **tapeadoras** de planos e resoluções, espurgos periódicos à Stalin.

Isso conhecemos todos nós; mas, nenhum de nós tem meios de o provar. Benvindos, pois, são os livros, as revistas, os documentos, as imparciais análises de homens que, de lá de dentro, conseguem desvendar os arcanos dessa prisão coletiva, tirânicamente mantida pelo mais horrendo sistema compressor de todos os tempos.

Tal é o precioso livro de Paul Barton, saído em fins de 1954, nas edições Pierre Horay de París: **Prague à l'heure de Moscou, analyse d'une democratie populaire.**

O autor, nascido em Praga, é militante sindicalista, operário metalúrgico mas também doutorado em letras pela Universidade Charles em 1946. Foi um dos principais organizadores da insurreição de Praga em 45. Lutou contra o assenhoreamento dos sindicatos pelo Partido Comunista e, tendo vencido êste, passou a lutar pela libertação dos sindicatos. Com o golpe de Praga, em 48, fugiu para a Áustria e depois para a França onde edita um mensário de estudos e documentos sôbre a Tchecoslováquia.

Foi o livro inspirado pelo célebre processo de Rudolf Slânski, Vladimir Clemêntis e longa série de outros dignitários do estalinismo na Tchecoslováquia, numa daquelas comuns reviravoltas em que Stálin era useiro e vezeiro para encobrir seus tremendos crimes ou mudar o rumo dos seus constantes erros.

Compõe-se o livro de três partes:

a) **A técnica do amálgama** ou história circunstanciada do processo Slânski, montado, ensaiado e executado pelo Krêmlin diretamente.

b) **Vida e morte do Partido Comunista na Tchecoslováquia,** ou luta das classes e luta dos clans.

c) **Um regime telecomando,** ou **kominform do comecon.**

Impossível nos é falar do muito que nos ensina, revela e surpreende êsse possante livro. Fá-lo-emos aos poucos, em vários números, como tarefa de informação altamente necessária a quantos querem estar a par das misérias políticas, econômicas e administrativas no **Paraíso dos proletários.**

Diz o autor no **prefácio**:

— Esta obra é consagrada à vida interior do regime instaurado num país satélite da U. R. S. S. Cada sistema totalitário tende a velar, por trás de uma fachada monolítica, todos os conflitos, convulsões, tensões e discussões dos seus dirigentes. Para compreender a vida política de tal regime, importa, antes do mais, romper essa fachada. Mas, não é tudo. A forma universal da ação dos totalitários é a conspiração. Isso é exato quer em suas atividades na oposição, quer desenvolvidas após sua instalação no poder. Conspiram, não sòmente juntos contra a população, mas também uns contra os outros; em se tratando de um país satélite, cumpre ajuntar as intrigas urdidas pela **metrópole** contra os dirigentes autóctones e vice-versa. O observador que não queira contentar-se com registar aparências falazes é forçado assim a penetrar num terreno reservado normalmente aos caçadores de sensações e estudar o que passa "nos bastidores"; mas, importa-lhe ainda o mesmo rigor e escrúpulos, que na análise dos problemas mais **respeitáveis.** Demais, **qualquer** tentativa de elucidar o fenômeno soviético, seja qual for o assunto especial do exame ,deve afastar-se dos métodos tradicionais de trabalho científico. Para disso nos convencermos, basta ler os estudos recentemente consagrados nos países anglo-saxônicos a questões tão clássicas quanto a renda nacional, o sistema dos preços ou a estatística industrial da União Soviética. Os autores se vêem constrangidos a empreender verdadeiro trabalho de **detectives** para captar, através da imprensa soviética, os dados necessários, antes de se poderem servir de sua erudição universitária nessa análise".

Exporemos, em números posteriores, os resultados a que chegou o autor em seu notável livro, leitura indispensável a quem queira ver por dentro, a nefasta obra de Stálin e do Partido Comunista.

CANDIDATOS A PRESIDENTE

Por LARTEP

Ainda bem não assumiram os cargos para os quais tanto gastaram e prometeram ao povo, já começam a voar, em doces bandos, em tôrno da carniça, isto é, a vaga futura de Presidente e Vice-Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil. Só falta, creio, comunicar ao **Urubu-rei** que a carniça está à vista, para que êste, com tôda sua sapiência herdada de seus antepassados, faça a vistoria completa, isto é, arranque os olhos e as vísceras. Então, logo após, a malta tôda que não são rei, mas vassalos, se deleitarão com o faustoso repasto.

Um homem íntegro, honesto, de forma nenhuma pode ser Presidente de nenhuma República. Porque? Porque, de antemão, sabe que, mesmo sendo êle Presidente, com todos os poderes nas mãos, jamais poderá resolver a Questão Social, pois ela não é problema de governos, nem deles depende a sua solução e sim do proletariado.

Sabe que o mal não é da pessoa que exerce o cargo, mas do próprio cargo. Êle poderá contornar, mais ou menos, a questão, mas nunca resolvê-la. E por ter de conviver, lidar, transigir, por fôrça das contingências, com as classes conservadoras, naturalmente se corromperá.

As classes conservadoras: clero, industriais, banqueiros, militares, latifundiários, políticos, etc. só se preocupam em multiplicar lucros, emprêsas etc. Não sabem fazer contas de diminuir ou subtrair. Se sabem, procuram esquecê-las; na de dividir, então, nem é bom falar, têm-lhe horror incrível; à de multiplicar e somar têm simpatia especial, sabem-nas de tôda forma, de trás para frente e vice-versa. São essas classes, êsses homens que elegem os Presidentes de Repúblicas. Tudo isso somado e multiplicado dá como resultado incontestável um Presidente. Um Presidente nada mais é que um para-raio deles. Quando os contraria é assassinado, prêso, deportado, deposto.

Se o cargo não desse vantagens, ninguém, sendo honesto, o aceitaria, pois Cr$ 60.000,00 não compensam o trabalho. Só a ganância, a avareza, a ambição, a vaidade pessoal levam êsses políticos a se canditar. Para fazer a campanha é necessário um grupo que a financie, pois um homem só não pode, atualmente, dispor de suficiente quantia que, bem empregada, daria para fazer hospitais em todos os Estados.

O povo, isto é, os votantes, não têm direito nenhum de escolha. Os políticos, em confabulações, escolhem um homem de sua confiança para administrar e governar os bens públicos, e o povo aprova êste ou aquele.

Os jovens de hoje já estão apossados do virus da corrupção em tal dose, que chegam a superar os mestres. E' comum, atualmente, como bem demonstra em um artigo Osório Borba (**Diário de Notícias** de 16-1-55) exigirem estudantes, feita uma campanha para A ou B, em carta (antes faziam êsses pedidos verbalmente e não deixavam vestígios), cargos públicos bem remunerados. Como exemplo, podemos citar o caso recente de Pernambuco, em que diversos estudantes exigiram o lugar de Oficial de Gabinete ou Secretário do Governador. Êste, para se ver livre de tantos pedidos, resolveu o caso por sorteio, feito pelos próprios interessados.

Ademar de Barros, êste que **rouba mas trabalha,** quando no apogeu estava (conf. demonstra Osório Borba no artigo já citado), era implorado para paraninfo de diversas turmas que se formavam. Antes, era a capacidade, o valor pessoal, a combatividade, a franqueza de dizer verdades, que faziam ser o paraninfo escolhido. Era um modo de demonstrarem sua solidariedade ao caluniado do momento. Hoje, não, desde que dinheiro tenha e saiba distribuí-lo amigàvelmente, é logo solicitado como paraninfo desta ou daquela turma. Enfim, parece que o povo, os jovens, já aceitam, como coisa corriqueira, que alguém se aposse de bens públicos, caminhões, prédios, dinheiro, receba bola de jôgo ou de conventilhos. E' comum ler-se que fulano vai ser processado por isso ou aquilo, mas, se tem dinheiro, nada acontece ao discípulo de Rafles. Parece que isso só acontece para confirmar o estribilho popular: Quem rouba um milhão é Barão; quem rouba um tostão é ladrão.

Agora, veio à tona outro escândalo, o de presos, condenados com suas penas cumpridas, ficarem no presídio um ou mais anos. O Estado, como sempre acontece, não indeniza essas vítimas da negligência de todos nós nesses anos perdidos entre quatro paredes.

Enfim, num país em que, salvo raríssimas exceções, todos os políticos ambicionam ser Presidente tudo isso e mais o que ainda não sabemos bem pode acontecer. Louvado seja...

FITANDO A ESPANHA

Os Religiosos Cavaleiros

Por CRISTOBAL GARCIA

(especial para AÇÃO DIRETA)

Em pleno século XX, era da chamada civilização humana, a política religiosa e, muito especialmente, a C. A. R., empreendeu uma nova tática e até reforçou, ostensivamente, as anteriores dos Arbués, Torquemadas, Filipe V e Filipe II, o Inquisidor, ao ponto de, em alguns países, tornarem-se donos absolutos, como sucedeu na Espanha, na última **Cruzada** de 1936 com Franco, na Argentina, Itália e quase todos os países da América.

Para conseguir tudo isso, em alguns dêsses países, o domínio absoluto se apoderou de tudo e aproveitou-se de sua fôrça espiritual em alguns lugares e de sua fôrça político-religiosa em outros.

Em Espanha, confirma-se a regra. Há um silêncio de morte desde que o **Caudilho** e os **Cruzados** se apoderaram do poder — os motivos e os fatos são públicos e internacionalmente notórios, porquanto o regime de Franco foi condenado mortalmente pelas Nações Unidas em S. Francisco (junho de 1945), Londres (fevereiro de 1946) e Nova York (junho de 1946).

O homem da cidade ou da aldeia não pode pensar, já não pensa livremente, porque a espada e a cruz o fizeram emudecer completamente, ao encontro do estatuído na Declaração Internacional dos Direitos do Homem, aprovados e confirmados no Palácio Chaillot de París, aos 10 de novembro de 1948.

A Igreja e os **Cruzados** vivem hoje seus dias de ouro na Espanha. O clero desfruta os benefícios de sua colaboração "ao glorioso movimento da Cruzada"; sua intromissão em todos os assuntos da vida oficial e privada é absoluta, juntamente com o exército, a guarda civil, os verdugos falangistas, requetés de boina e borla, carcereiros marroquinos, curas e frades patibulares, monjas histéricas, literatos covardes, traidores e invertidos, e todos os detritos, o detrito senhorial e apergaminhado da nobreza formam o arcabouço em que se sustém, sob o pálio, a Espanha Imperial do **Caudilho.**

Os efetivos do clero na Espanha sobem a 22.457 sacerdotes inscritos no elenco paroquial; 18.641 servem por vários templos e capelas; 61.145 religiosos de ambos os sexos; 4.881 conventos e mosteiros; 20.150 igrejas paroquiais; 19.150 templos e capelas adstritos a congregações religiosas diversas; 63 catedrais; 441 casas de **Ação Católica,** dirigidas pela Companhia de Jesus; 325 centros de ensino primário e secundário; 212 granjas e centros industriais, todos isentos de impostos; agrupações outras. A manutenção dêsse enorme conglomerato de parasitas custa ao povo trabalhador espanhol, composto de 28.286.518 habitantes, segundo a última estatística falangista, mais de sessenta milhões de pesetas anuais, os quais milhões, como é lógico, pesam sôbre o esfôrço de seus habitantes.

Desde as altas esferas do regime até os mais humildes meios da vida espanhola, dos palácios onde os adeptos da ditadura "religiosos cavaleiros da Cruzada" desfrutam o prêmio de sua traição e de seus crimes, às obscuras e tétricas células dos cárceres e presídios onde jazem milhares de seres humanos de ambos os sexos purgando a delito único de amar e defender sua liberdade, arrebatada pela violência das armas que a Franco facilitaram as potências do eixo Berlim-Roma, nada escapa à sua supervisão e censura. Seu poder é ilimitado por todos os âmbitos do mundo espanhol, envenenando o ambiente com clamores de ódio e vinganças.

Os chefes da Igreja espanhola têm sempre estado presentes na elaboração de todos os desastres nacionais e coloniais, em todas as repressões, em todas as monstruosidades e vilanias, absorveram as marcas de todas as eras e barbáries atravessadas, adaptaram todos os seus deuses e santos a todos os tempos, lugares, climas e côres raciais.

A Igreja, em toda a parte, e hoje como sempre, busca a parte débil de uns, vale-se da inatividade de outros para introduzir-se na vida social. Hipócrita, fingindo humildade e recato quando se considera débil, tumultuosa, desapiedada ao julgar-se forte. De uma e outra forma, introduzindo-se onde quer que possa fazer sentir sua influência, não cessa de atuar, ora encoberta, ora em catequese aberta. Trata qualquer desvio do seu dogma como obstáculo tendente a limitar seu poder de expansão.

Da observância da religião católica, cerrando qualquer porta de escape ao livre pensamento e a outras práticas não ortodoxas; da violação descarada dos direitos de consciência mais elementares, não se poderiam colhêr, como era de esperar, senão os mais amargos frutos. As provas disso por demais claras são, desde a guerra dos **hereges,** organizada em 1480, levando-se em conta que a primeira revolta do povo data apenas de 1835. Vejamos.

Por intransigência dos papas que queriam ter direito exclusivo na pendenga das investiduras, no século XI, morreram 300 mil pessoas; cem mil morreram nas cruzadas dos religiosos cavaleiros de Porto Gaire; 100 mil pereceram vítimas no Languedoc; 50 mil no cisma do século XVI, entre os santos padres Urbano, Bonifácio e João; 150 mil hussitas assassinados impiedosamente; 12 mil judeus queimados ou enforcados na Alemanha, no século XVI, e dois mil em Lisboa no ano 1506: 800 mil expulsos e roubados na Espanha no século XV e 100 mil huguenotes trucidados no ano 1572; 8 mil franceses nas **Vésperas Sicilianas,** graças aos secretos manejos do papa Martinho VI; 2 milhões perecidos nas guerras de religião do século XVI; 50 mil chacinados pelo mui cristão Carlos V; 50 mil por Filipe II, o Inquisidor; 5 milhões na guerra dos trinta anos; 300 mil no Japão no século XVII; 300 mil na revogação do edito de Nantes; 15 milhões de índios no México; 2 milhões de pessoas queimadas pela Inquisição de Espanha; 200 mil em França; 500 mil na Itália; 15 mil nos Países Baixos. Levando-se em conta as relíquias da **Cruzada** franquista na Espanha, mais de um milhão de mortos na chamada guerra civil; mais de meio milhão de exilados em diferentes países; outro milhão de encarcerados como saldo da **vitória** e mais de 100 mil fuzilados ou **garroteados** pelos tribunais militares castrenses.

O povo espanhol, como os demais afligidos, têm muito que recordar e não esquecem essas etapas dolorosas e sanguinárias. Quando, em 1936, o clero tirou dos sótãos dos conventos e igrejas os fuzis e metralhadoras para dispará-los contra o povo indefeso; quando se achou nos muros dos cemitérios, ao lado da pandilha falangista, que cumpriu sua missão de assassinar a quantos lhes não aceitassem o credo sacrossanto; em seus sermões, atirados dos púlpitos às hostes ignorantes e bestializadas do franquismo, para incitá-las ao total extermínio dos **vermelhos,** sabia que, na luta da rigidez teocrática e descarada aliança com Franco e potências do eixo Berlim-Roma, sua frente era contrária aos instintos libertadores do proletariado internacional.

Tudo isso e muito mais, sabem-no as chamadas democracias e, apesar disso, consentem Franco e seu regime e o alentam. Por êsse motivo, penso que é soada a hora, após dezesseis anos, de acabar com os **religiosos cavaleiros,** impulsionadores da mentira, do crime e da traição da maior tragédia vivida, de que há notícia na História da Espanha, porque a história da Espanha é eterna, passional, multíplice e generosa.

A Criatura Humana e o Estado

Está a personalidade, na sociedade, privada dos seus direitos mais elementares. O Estado já não existe para a criatura humana; esta é que existe para o Estado. Prevalece êste conceito, também, em relação à ordem econômica. Quem trabalha, figura como peça accessória da máquina. Os grandes dirigentes industriais dispõem, em seus cálculos, indiferentemente, de criaturas humanas e de máquinas, da mesma sorte que os militares que dispõem dos seus soldados para fins estratégicos. Para êles, não é a criatura humana, uma personalidade que pensa e que quer e que tem o direito de autodeterminação. O que mais caracteriza, neste aspecto, as relações das criaturas humanas, é que os que são conduzidos se submetem voluntàriamente às decisões da autoridade, considerando-a como alguma cousa naturalmente superior. Eis porque as massas são cegos instrumentos dos líderes e se mostram, desgraçadamente, contentíssimas com a condição de subordinadas. Fala-se do "fator humano" e do "material humano" e poucos chegam a perceber o quanto de vexatório existe no significado de tais expressões para a dignidade humana.

O que mais tem influído em tudo isso é o nosso sistema de educação espiritual. Vivemos na época dos "standards." Há alimentos "standard," roupas "standard," casas "standard", homens "standard" e opiniões "standard". As idéias "standard" são elaboradas nas fábricas de opiniões que são os grandes jornais, as revistas semanais de grande divulgação, o cinema e o rádio. A existência espiritual do homem torna-se estandartizada. Como uma jovem apaixonada que canta aquelas mesmas canções que outros fizeram e cantaram em milhões de casos, cantando como se só do seu caso se tratasse, assim repetem as criaturas humanas adultas e sérias opiniões e conceitos dos fabricantes da opinião pública, sem que notem que se assemelham a ruminantes que mastigam o que já fôra mastigado.

Graças a tão eficazes armas, podem os ditadores dirigir os povos como querem e aonde querem. Eis o modo por que se explica a submissão total das massas ao hitlerismo e ao estalinismo.

(Agustin Souchy
El Socialismo Libertario)

DIREITO AO FILHO

(Continuação da 2.ª página)

os dias ociosa, olhando-se por dentro, supreendendo-se de achar-se tão serena, tão tranqüila, tão contente e tão pura.

Não pensava no porvir, nos dias ameaçantes, na luta deseperada que se aproximava.

Três dias depois da abalada de Rogério, recebeu dêle uma carta. Não quis abri-la. Deixou-a intacta na gaveta da cômoda. Nela fazia protestos de amor, pedia-lhe novamente perdão e dizia-lhe que só uma palavra dela esperava para volver em seu auxílio.

Tudo isso alvitrou Rosa Maria estar na carta. E não quis lê-la para não empanar sua serena alegria com a tristeza e inquietação com que partira Mendoza.

Mal notou os primeiros sintomas da maternidade andante, todo o ser de Rosa Maria floresceu numa interna primavera. Nunca foi tão afável, tão boa, tão generosa. Não pensava no amanhã, no que seria sua luta no arraial, na dor e confusão de tia Adela ao saber disso.

Feliz, felicissima dentro de si mesma, alegrada e rejuvenecida com aquêle futuro que em sí levava, começou a preparar, sem ocultá-lo, com a ilusão de tôda mãe, o enxoval de seu filho.

Um dia, encontrou-a tia Adela cosendo uma primorosa roupita.

— Para quem fazes êsse vestidinho?

— Para meu filho.

— Para teu filho? Estás louca?

— Não estou louca, não. Não sabes que vou ter um filho, que em breve, junto a nós, vai haver uma vida que nos prolongará e alegrará as nossas? Não estás contente, minha tia, em pensar que te saltará nos joelhos um anjozinho?

— Mas, que dizes? criatura! De onde sairá êsse filho?

— De mim, já te disse.

— De ti e de quem mais?

— De mim e de Rogério. Não sabias? Não o compreendias à luz do meu sorriso e do meu olhar?

A pobre mulher ficou sem voz, sem gesto, cravada na cadeira, de olhar extraviado.

— Mas, que fizeste? filha... criatura! Que vai ser de ti? Que dirá o povo?

Ora! Pouco me importa o que dirá. Estou contente, Não te parece tristíssima cousa morrer só, sem filhos, sem amor algum que te sustenha? Que houvera sido de ti se não me tivesses por amor e companhia. E eu, sem êste amor que sairá de mim, sem uma sobrinhazinha sequer, que fim teria? E não crês que tôda mulher tem direito de ser mãe, tem direito ao filho?

— Porque não te casaste?

— Com Rogério, sim, haver-me-ia casado. Mas, bem sabes que o avô não quis e, quando êle voltou, estava casado.

— Rosa Maria, não compreendo como praticaste semelhante loucura, com um homem casado!

— Não a pratiquei com um homem casado. Pratiquei-a com aquêle Rogério que, desde a adolescência, amei, que tenho amado a vida inteira, meu natural e legítimo espôso ante minha alma.

— Mas, agora, que dirão? Deus meu! de ti e de nós! Será tua desonra, desonra de tôda a família.

— Oh! não! titia. Será nosso porvir, o sustento de nossas velhices, o porque de nossas vidas, a esperança de nosso amanhã. Quanto lhe quererás! E quão fria! quão deserta esta casa se êle não viera? Êle a alegrará, êle a encherá tôda. Ela recolherá a memória de todos os lugares, continuará a raça que se extinguia.

— Um bastardo! balbuciou Adela quase chorando.

— Um filho do amor, o filho a que tôda mulher tem direito. O filho a que tu tinhas direito, minha tia!

★

Nasceu numa clarissima e fria madrugada. Adela chorava e Rosa Maria, cansada e ditosa, fazia esforços por sorrir, olhando-o embevecida.

Na janela do quarto, batiam os pardais acoçados de frio. Implacável, não se apiedava o inverno de seu desamparo, fazia-lhes pagar o tributo das primaveras e dos verões em que comiam, voavam e amavam.

Olhando-os, pensou Rosa Maria que ela, como os pardais deveria pagar tributo daquela primavera que em si mesma florescera, daquele verão que granou em suas entranhas.

Quão grandes, quão altivas e fecundas não seriam a soledade e a luta que se avizinhavam. Todo o povoado, o mundo inteiro contra ela, a mulher que reivindicou o direito ao filho, o direito ao porvir.

E ela, só contra todos, só contra cem séculos de opressão e fanatismo, contra cem morais destrutoras, encadeadoras da natureza e da vida. Ela só com seu filho, quer dizer, sòzinha com tôda a natureza, tôda a vida e todo o amanhã.

FIM

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

O VALOR DO SINDICATO

Por VARLIN

Muitas são as opiniões que por aí se formulam acêrca do valor dos sindicatos operários. Uns protestam com azedume, que os sindicatos servem apenas para incitar os trabalhadores às greves, aos distúrbios, etc. Para outros, os sindicatos não passam de mero trampolim eleitoral, e transformam os trabalhadores em instrumentos a serviço das ambições dos políticos. Há ainda os que pretendem arrancar os sindicatos do Ministério do Trabalho, tornando-os organismos livres e independentes.

São êstes últimos os verdadeiros sindicatos. Embora os políticos finjam não saber, o sindicalismo é completamente alheio a finalidades políticas, pois repudia o colaboracionismo estatal. A organização sindical é essencialmente revolucionária pois rejeita os princípios e meios de ação da democracia histórica e política, isto é, contrária a qualquer poder centralizador governativo.

No sindicalismo, não há distinção social entre sexos. Permite a homens como a mulheres o desempenho de tôdas as funções sociais conforme as aptidões e educação que hajam recebido. O sindicato não é instrumento político, (embora dêles procurem os políticos aproveitar-se degenerando-os), mas meio de organização profissional que se baseia na união e aperfeiçoamento das classes trabalhadoras e oprimidas. Sua ação não se limita às greves, mas estende-se até o aperfeiçoamento do proletariado dando-lhe uma visão científica, técnica, artística e econômica. O sindicato não pode apenas pensar no matérialismo econômico, mas deve acompanhar o saber humano até o máximo. Cumpre-lhe propagar e difundir, em todos os campos da atividade, uma ideologia que torne cada profissional um homem útil e consciente na sociedade futura. Os seus fins são: apropriar-se, por expropriação total e completa, dos meios da produção, como matérias-primas, ferramentas e máquinas, etc., que, uma vez nas mãos dos produtores socialmente agrupados, darão melhor rendimento e confôrto a todo ser humano. Êsses agrupamentos sociais vigiarão, por todos os processos eficazes, o sistema e as condições de funcionamento das fábricas, oficinas e demais estabelecimentos, exigindo higiene, respeito à mulher e menores, etc.

Por intermédio dos sindicatos, pode-se ainda controlar a distribuição e o consumo, por meio das cooperativas. Aqui suscitam dúvidas os pseudo-sindicalistas. Como conseguir realizar tal programa? Resposta: Criando, dentro dos sindicatos, escolas de militantes que adestrarão os jovens para a luta consciente, por meio da ação direta. Essas escolas de militantes terão que educar, moral e materialmente, o sindicalista: ensiná-lo a falar em público, a debater problemas, a dirigir assembléias, a intervir nas mesmas e capacitá-lo para que, uma vez à frente de comissões sindicais, não fiquem perante os representantes patronais amedrontados por falta de argumentação; manter cursos profissionais e linguísticos, para que cada trabalhador se torne um profissional competente e culto; organizar a publicação de jornais, folhetos e livros, dando ampla colaboração àquêles que querem dizer o que sabem e o que sentem. Uma vez instruídos e bem orientados, os trabalhadores saberão como melhor agir na defesa dos seus direitos.

Por exemplo, se o sindicato dos trabalhadores em carris de ferro soubessem qual é a despesa com salários e impostos, logo saberiam quanto era o lucro da emprêsa. Então fàcilmente se fariam circulares para serem distribuidas ao público informando-o de que a emprêsa não tinha necessidade do aumento exigido. Verificada a sem razão da pretendida majoração dos preços de passagens, deflagar-se-ia uma greve com o fim de impedir o aumento e, com a boa informação trazida a público, daria mais fôrça moral aos grevistas. Surgiriam então greves de solidariedade e, em todos os ramos da atividade manual e intelectual, se tornaria possível a eclosão de um grande movimento reivindicador.

Nada mais é preciso senão homens enérgicos e livres para arrancar os sindicatos da intromissão dos políticos de qualquer côr, em seguida, dirigí-los, sem os fascistas ou os marxistas, entre os quais não há diferença em matéria de sindicalismo. Se os sindicatos fascistas são controlados pelo Estado, os sindicatos manobrados pelos marxistas visam a apoderar-se dos meios de produção para entregá-los ao Estado. Porquê comparamos os fascistas aos bolchevistas? Porque ambos querem que os sindicatos sejam instrumentos do Estado e não organismos livres e independentes, garantidores da defesa dos trabalhadores por meio da ação direta.

Os sindicatos de hoje, nos chamados países democráticos, são abortos do verdadeiro sindicalismo e têm servido para ludibriar o trabalhador. Em 1894, organizou-se, na Inglaterra, o *Departement of Labour*, que pretendia regular a situação operária e, como organismo do Estado, impedir a vida livre das organizações operárias. Outro tanto aconteceu na Bélgica, onde, desde 1889, funcionou, até a última Guerra, uma repartição que se destinava a confundir, senão a roubar, os trabalhadores. Também na Alemanha houve a *Comission für Arbeiter-statistik*, que funcionava desde 1892 e foi remodelada em 1902, passando a chamar-se repartição *Arbeitreg, für Arbeiterstatstik, meramente* político-estatal. Na Áustria, existiu uma *Repartição do Trabalho*, desde 1898 até a ocupação daquele país pelas fôrças nazistas, em 1939. A Hungria, sob pretexto de tratar de inquéritos operários, também têve a Repartição de Estatísticas do Trabalho. Em Espanha criaram-se *Reformas sociales*, fundadas em 1907 com caraterísticas puramente burguesas. Na Suiça, há o *Bureau Ouvrier* de caráter oficial. Embora tenha sido criada por operários, foi arrastada pela ambição dos políticos e incorporada ao Estado. Até os Estados Unidos, o país que tantas vêzes tem manchado as ruas com sangue dos trabalhadores, também criaram, em 1869, os *Offices of Labour*. O Canadá organizou, em 1900, o *Departement of Labour*, cuja missão era ludibriar os trabalhadores. E, finalmente, a Itália, funda, em 1902, o *Ufficio del Lavore*, que durou até 1926, data em que apareceram os sindicatos fascistas, tipo nacional e molde dos sindicatos de hoje em muitos países do Mundo.

Tudo isto, tem apenas o triste objetivo de impedir que o trabalhador se instrua e organize a sua defesa livremente. Pois os legisladores sabem que a classe laboriosa já deixou de andar algemada e é, portanto, (dizem os burgueses) preciso impedir, por todos os processos bárbaros se preciso fôr, que conheçam suas fôrças e saibam usá-las. E' por êste transe que estamos passando e só sairemos dêle quando resolvermos nossos casos por nossas mãos, em vez de os colacarmos nas mãos dos outros. Lutemos pelo verdadeiro sindicalismo, pois só por intermédio dêsse grande baluarte da defesa dos assalariados poderemos gozar os prazeres da natureza a que todos os sêres humanos têm direito. O sindicato ou é organismo livre ou não é sindicato e sim instrumento dos governos, o que é diferente.

Cardeal Contra Stálin

Seguindo o exemplo de S. S. o Papa, S. E. o Cardeal Câmara acaba de fulminar, em sua última pastoral, aquilo que êle chama *comunismo ateu*. E explode: "Os católicos não podem transigir com êsses terríveis desrespeitadores da liberdade de consciência, que são os comunistas!"

Em primeiro lugar — é preciso proclamá-lo — a intransigência da Igreja Romana com o comunismo não provém de que êste seja ou não ateu, mas de que o Krêmlin, sede da religião que tem Marx por deus, Lênin por seu profeta e Stálin por papa, se converteu num perigoso concorrente do Vaticano, sede de outra importante firma comercial: Padre, Filho & Espiríto Santo. Tanto Roma como Moscou querem-nos salvar à força, isto é, contra nossa vontade. O Vaticano tem o Purgatório e o Inferno com o seu sucedâneo terreno: as churrasrias da Santa Inquisição. E o Krêmlin tem as suas *purgas* periódicas, que são o Purgatório e o Inferno terrenos da religião marxista.

A superioridade do Krêmlin sôbre o Vaticano, que traz irritados o papa e os bispos, reside em que, enquanto Roma nos promete a salvação depois da morte, Moscou garante-nos a salvação imediata e neste mundo, o que seduz a humanidade, farta de sofrer e de esperar pelo Messias. Por outro lado, além da maior rapidez no fornecimento, a mercadoria soviética é oferecida por preços mais baixos e com melhor propaganda.

Ateu era Mussolini e o Vaticano manteve com êle as melhores relações, não tendo mesmo escrúpulo de receber-lhe, das mãos manchadas de sangue de católicos, como Decaro, boa bolada de liras em paga da assinatura papal aposta sôbre o instrumento do tratado de Latrão. Cristãos eram e são pelo contrário, os abexins — e o papa não teve pudor de abençoar as armas fascistas que foram submetê-los a ferro e fogo. Cristãos eram, e não ateus, os anabatistas, herdeiros das tradições anarquistas dos primitivos cristãos, como cristãos e não ateus eram os albigenses e os huguenotes e tantas outras seitas cristãs — e a Igreja Romana mandou-os exterminar nas noites sinistras de S. Bartolomeu e em dois séculos de Inquisição, tudo isso em nome da Unidade, isto é, da necessidade de lutar contra o Cisma e a Heresia, precisamente os mesmos tropos sangrentos gritados hoje pelos ortodoxos comunistas moscovitas. Sôbre o respeito da Igreja à liberdade de pensamento, falam bem alto as cinzas de João Huss, de Estêvão Dolet e de milhares e milhares de mártires do livre-exame, da ciência, que a Igreja Católica sacrificou e ainda, embora por métodos diferentes, hoje sacrifica, conforme recentemente se verificou com o eminente pensador português, prof. Almeida Paiva, ex-jesuita, misteriosamente assassinado no túnel do Rocio, em Lisboa, pouco depois de haver publicado sua famosa obra *Liberdade, Ciência e Religião* (Cartas ao cardeal Cerejeira), um dos maiores êxitos de livraria dos últimos tempos.

Mas, ainda sôbre a liberdade de pensamento, da qual a Igreja tão cinicamente se arvora em campeã, transcrevamos alguns trechos bem ilustrativos sôbre o assunto.

"E' loucura afirmar que os cidadãos têm direito à liberdade plena de exprimir, em voz alta e pùblicamente, as suas opiniões" (Da encíclica *Quanta cura* de Pio IX, publicada em 1864). "O pleno direito de tornar públicos todos os seus pensamentos e opiniões levaria fàcilmente os povos à putrefação dos costumes e do espírito e disseminaria ràpidamente a peste do indiferentismo (Do *Syllabus* de Pio IX, 1864).

De Leão XIII, sucessor de Pio IX, que passou à história com fama de liberal, são as seguintes palavras contidas na encíclica *Libertas praestantissimus* de 1888: " Se a liberdade de tudo dizer, oralmente ou por escrito, não fôsse *justamente moderada*, tal liberdade não seria um direito... Para punir as falsas doutrinas, a peste mais fatal para o espírito, os governos devem usar *extrema vigilância*".

Transcrevamos finalmente as seguintes expressões de Pio X, considerado o mais suave dos papas: "O primeiro dever da caridade não é a tolerância em relação às convicções erradas, por mais sinceras que sejam, dos nossos irmãos, mas o fervor pelo seu melhoramento espiritual e moral". (*Da carta sôbre o Sulco* de *Mark Samje-Sangler*, 1910).

Torquemada não raciocinava de outro modo, como não raciocina de outro modo Stálin que o Vaticano hoje excomunga em vez de condecorá-lo com a comenda de Cristo por ter aprendido tão bem as lições da Igreja sôbre a intolerância.

Quem haveria de prever, nos séculos passados, que a Igreja ainda um dia se apresentaria como ardorosa defensora da liberdade de pensamento? Eis um milagre que devemos aos comunistas de Moscou.

(Do livro *O Diário do dr. Satan*, pgs. 69-71, do companheiro Roberto das Neves).

Nota de AÇÃO DIRETA. A índole ultrarreacionária da Igreja, por mais que proteste ânimo caridoso, cristão, liberal, etc. está patente em sua atuação atual na Espanha. Bastou-lhe encontrar campo livre, logo abriu as garras e assentou-as violentamente na mentalidade do povo espanhol. Os bispos, pela concordata feita com Franco, são censores absolutos do pensamento espanhol e exercem de fato a *extrema vigilância* recomendada por Leão XIII. Todos hão de pensar como o ordena a Igreja, como decidem os papas, *êsses maiores charlatães do mundo*, na expressiva definição de Ernesto Haeckel.

Até que o povo espanhol, visceralmente libertário, os derrube e os enxote a relho e pontapés.

O Ademar roubou? Mentira!
Que culpa tem o Ademar
Se o próprio dinheiro inspira
Aos cinco dedos roubar.

Macedo escrevera um dia
A grande Arte de Furtar
Mas... que não escreveria
Se conhecesse o Ademar

No Paraíso de Salazar

Por Edgart Rodrigues

Tantas são as grandezas de Portugal, alardeadas pelos jornais (pagos pelo fundo de propaganda portuguesa, já se vê) que nos vemos na obrigação moral de expor um pouco do que amargamente por lá vimos e sofremos.

Por quem vamos falar? Não é por nós, que somos suficientemente fortes e nos encontramos longe dessa pátria de tiranos, mas pelos filhos daqueles que morreram no exílio e nos ergástulos do Portugal continental e ultramarino. E' por aquêles que estão sendo perseguidos pela terrorista Gestapo de Salazar (P.I.D.E.); sem poder lançar mão de qualquer meio de defesa. É por todos os abandonados e doentes, é pelos coagidos pela censura à imprensa e demais espesinhados. Assiste-nos o direito, e para isso temos autoridade moral, para falar do Portugal de 1926 até os nossos dias, porque vivemos aquêle ambiente bárbaro do país submetido à tirania clerical-militarista. Vimos como se prendiam, em plena rua, operários que, em grupos, liam os jornais diários às portas das oficinas ou fábricas, no período de 1936 a 1938. Conhecemos homens analfabetos, presos porque haviam apanhado na rua manifestos, como quem apanha um cartaz de circo ou cinema, e da prisão saíram inutilizados, sem saber porque. (Quantas vêzes a própria Polícia distribuia os ditos manifestos para poder prender os ingênuos que os apanhavam.) Aterrorizados, assistimos aos assaltos da Gestapo de Salazar pela calada da noite, prendendo e roubando livros, jornais, e partindo tôdas as portas que se encontravam fechadas. Vimos pistolas apontadas e prestes a ser disparadas pela Polícia sôbre aquêles que haviam cometido o crime de querer pão para os que o fabricam e passam fome. Conhecemos os assaltos da Polícia às livrarias e às bibliotecas e de grupos recreativos, roubando os livros de caráter social. Fomos vítimas de prisões motivadas por tal abuso.

Temos ainda em nossos ouvidos os gritos dos perseguidos e torturados, os gemidos dos doentes prisioneiros e os soluços das inocentes crianças que perderam os pais de que tanto careciam. E, a propósito, vem-nos à mente o triste caso da filhinha do valente camarada Luiz Portela, morto pela polícia no calejão do Peniche, onde o obrigaram a ingerir, por vários dias, pastilhas que, analizadas por médicos, verificou-se conterem substâncias que o mataram lentamente.

São essas vozes, enrouquecidas pelo terror fascista, que nos impelem a que denunciemos o que lá se passa. àqueles que desconhecem ou fingem desconhece o grande Inferno que é presentemente Portugal. Para êles descrevemos alguns dos milhares de casos que se repetem diàriamente.

O PORTUGAL VISTO POR FORA

Nas 3.816 freguesias que constituem o Portugal de Salazar, dizem: desbravam-se matas, abrem-se avenidas, ampliam-se as centrais elétricas, cuida-se da limpeza, da conservação das ruas e jardins. Aumentam as casas de caridade a cêrca de 220, com homens e mulheres à volta de 40 mil. Triplicam-se os representantes de Cristo, pois para 3.816 freguesias, existem cêrca de 11.448 benfeitores (três por freguesia), oficializa-se a prostituição. Segundo as estatísticas, existem 100.000 meretrizes, registadas oficialmente. Só na cidade de Porto, com uma população de 290.000 habitantes, existem cêrca de 35.000, não incluindo as clandestinas.

Constroem-se hospitais, dizem. Mas a verdade é que lá existem, segundo as estatísticas, sem assistência, 38.000 tuberculosos, 600.000 sifilíticos, 300.000 paralíticos, cegos e portadores de doenças contagiosas, sem tratamento, .. 25.000 loucos registados oficialmente. Edificam-se orfanatos e asilos! acrescentam. Mas a verdade é que, aumenta fabulosamente o número de desamparados, entre os quais 40.000 crianças, ampliam-se os quadros do exército e da polícia para tiranizar o povo, o que atinge a insignificante despesa de dois milhões de escudos. Ampliam-se os cárceres, onde morrem diàriamente os de opinião contrária ao dominante ditador.

Que esperar de um país que se rege pelas leis do regime corporativo, que os compadres de Salazar (Mussolini e Hitler) deixaram como herança no acôrdo secreto encontrado em Berlim (segundo Daniel de Luce, Copyright da Associeted Press em 1945) "foram encontrados tratados secretos entre a gestapo de Himler e as polícias de 13 países, entre os quais Portugal". Êste pacto, a que Salazar obedecia, levou-o a mandar a sua polícia receber instruções na Alemanha. Proibe-se então que o povo oiça a emissora B.B.C., de Londres, chegando-se a prender ouvintes e a confiscar-lhe os aparelhos de rádio. Porque? perguntarão. Chegava carvão a Portugal, vindo da Inglaterra, e era mandado para os fascistas, assim como o azeite e as conservas portuguesas. Os fabricantes recebiam fôlhas de Flandres dos ingleses para fazer a embalagem e enviavam as conservas para os nazistas a cobreto das leis portuguesas, (segundo a B.B.C. de Londres, eram 16 as fábricas que assim procediam). E, finalmente, quando a estrêla do "Eixo" estava quase a extinguir-se e, para fugir ao plano de captura das ilhas (Operation Life-Belt), cedem os Açores aos aliados. Contudo, o seu Governador, General José Godinho, foi morto na prisão por haver facilitado aos aliados mais do que lhe fôra determinado.

Combate-se o analfabetismo — outra mentira dos patriotas de Salazar. Mas a verdade é outra. Proclamou Abel Salazar, que se pensa ter sido assassinado pela polícia, em conferência pública, em 1945: "Portugal tem 75% de analfabetos, 10% que sabem ler, 10% com instrução regular, 5% de população culta". Edmundo Stevens, em reportagem publicada numa revista americana e transcrita pela revista "Comício", publicada aqui no Rio em 1953, escreveu: "Portugal tem atualmente 60% de analfabetos". Como vem combatendo êsse mal o govêrno português? Extinguindo 400 escolas móveis, ou postos de ensino para crianças e adultos, que tinham 18.000 alunos, ficando desempregados parte dos professôres ou regentes. Extinguiu o Instituto Superior do Comércio do Porto. Extinguiu a Faculdade de Letras do Porto, etc. Expulsou os melhores professôres, como o Dr. Pulido Valente, Fernando da Fonseca, Dr. Cascão de Anciãis, Dr. Dias Amado, Dr. Adelino Costa, todos da Faculdade de Medicina de Lisboa; Dr. Ferreira de Macedo, Dr. Manuel Valadares Dr. Bento de Jesus Caraça, da Faculdade de Ciências de Lisboa; Dr. Rodrigues Lapa, e Professora Andrée Cabré Rocha, da Faculdade de Letras da mesma cidade; Prof. Queiroz de Barros do Instituto de Agronomia de Lisboa; Dr. Mário Silva, Dr. Aurélio Quintanilha (anarquista), da Faculdade de Ciências de Coimbra; Dr. Abel Salazar da Faculdade de Medicina de Porto; Dr. Rui Luís Gomes, da Faculdade de Ciências de Porto; Men Vidal, Instituto Técnico do Porto; Dr. Alvaro Ribeiro, Dr. Dias Pereira. Dr. José Marinho, Dr. Alvaro de Barros Ferreira, Dr. Agostinho George da Silva (êste último é uma das maiores culturas portuguesas e atualmente professor na Universidade de Niterói) todos professôres de ensino secundário.

Esta lista está incompleta. Só a Polícia Internacional e Defesa do Estado (P.I.D.E;) poderia completá-la.

Os impostos, decretados por Salazar a título de salvação nacional, como 2% para o Fundo de Desemprêgo (cuja sede jamais algum desempregado conheceu), e outros descontos para o socorro do Inverno, e uma infinidade deles, levam todo o dinheiro que se possa ganhar. Para melhor provarmos o que afirmamos, vamos citar o orçamento de um ano de ditadura, por exemplo o de 1952: foi de 6.334.000 contos, superior aos 16 anos de república, que foi de 4.900.000 contos. Nos últimos 14 anos de ditadura, soma um total de 601.459.000 contos. Por aqui se pode verificar quanto o povo tem sido explorado durante o regime totalitário. Apesar desta gorda máquina de impostos e mais impostos, a Prefeitura do Porto, na queda da república em 1926, tinha um "déficit" de 971 contos, que em 1952 era de 302.000 contos, portanto três vêzes maior. Portugal tem a sua frente a Igreja e o seu salvador Oliveira, englobados numa só cabeça, numa só pessoa, assistindo a negociatas como as do caminho de ferro da Beira (Moçambique), causando enormes prejuizos à Nação, assim como o carregamento de carne congelada vinda da Argentina e pouco depois lançada ao mar, escândalo que envolveu o tão falado Ministro da Economia, Daniel Barbosa, afastado do govêrno e hoje deputado pelo Porto. Com êsses desequilíbrios financeiros, o Ministro das Finanças em 1948, após longa polêmica no "Sol" (jornal publicado em Lisboa, proibido após a morte do seu diretor Lelo Portela) confessou estar Portugal na realidade em precária situação financeira.

Dizem ainda: fizeram estradas e pontes. E nós perguntamos: Quem as construiu senão aqueles cujos cadáveres têm servido de alicerce à negra ditadura? Que queriam fazer com tão fabulosas quantias estorquidas ao povo sofredor? O govêrno fascista de Portugal não representa mais do que uma árvore podre, que alimenta uma infinidade de insetos parasitários a corromper a Nação.

(Continua)

Carta da Bélgica

(especial para AÇÃO DIRETA)

Bruxelas — outubro, 1954

Passando pela praça do Sábado, no coração desta Capital, detive-me ontem ante a estátua do inolvidável Francisco Ferrer.

Umas dez pessoas contemplavam essa obra simbólica não pelo que representa de valor histórico, senão pela beleza dessa obra artística.

Perguntei a essas pessoas se sabiam quem era Francisco Ferrer e nenhuma pôde responder.

Então, expliquei como foi assassinado nosso companheiro por haver ousado criar a escola livre.

Outro senhor se aproximou e, quando terminei meu "discurso", me disse que bem conhecia a tragédia, assim como o valor cultural e moral de Francisco Ferrer.

Perguntou-nos depois, por sua vez, o que sabíamos de William Godwin, filósofo da justiça e da liberdade. Só eu pude responder-lhe e lhe pedi que o dissesse aos presentes. Durante uns quinze minutos, assim nos entreteve: "Falar de Godwin significa expor, ao mesmo tempo, suas idéias políticas, sua moralidade, seus talentos literários; porém, dir-lhe-ei sòmente como e de que modo entendia educar as crianças. A idéia de uma educação oficial não tem base alguma que respeite as realidades mentais. A educação nacional é, em primeiro lugar, ligada à intangibilidade postulada por tôdas as instituições. O que se ensina às crianças como idéias e fatos é o que a sociedade ou o Estado impõem para salvaguardar seus interêsses, deixando no olvido tudo quanto temos direito de saber. O ensino público empregou sempre suas energias em defesa do preconceito, anima os jovens à "arte" de fazer prevalecer as opiniões em vigor, quer dizer, as idéias estabelecidas pelos privilegiados. Tudo isso em contrário dos interêsses verdadeiros do espírito humano. A juventude não deve crescer no respeito da constituição, por melhor que possa ser, mas deve, ao contrário, dirigir tôda a sua atenção para o respeito à verdade. A idéia de uma educação oficial tem por finalidade de fazer, dos homens, escravos obedientes. Temos de acorçoar os espíritos a agirem por si e para si mesmos e não mantê-los sob qualquer tutela. O que aprende pelo gôsto de saber ouve as lições e compreende logo o sentido. O que ensina por gôsto dá à sua ocupação tôda a sua energia e entusiasmo. Temos de afastar todos os obstáculos que impeçam aos homens ver as cousas às claras, o que lhes dá a possibilidade de aspar da sua instrução falseada, tôdas as possibilidades de manumissão. Onde prevalece a liberdade findam os erros e a inexperiência. Ao contrário, a educação oficial mantém e favorece os erros e a inexperiência como modêlo da "formação" dos espíritos.

Disse-nos êsse senhor que lecionava num colégio do Estado, porém que seu ensino se regia por um regulamento rígido e, por desgraça, ninguém pode lá falar em liberdade sem arriscar seu emprêgo, apesar de existir no país um govêrno Socialista-Liberal. Acrescentou que pior seria ainda num regime bolchevista que castiga com o campo de concentração os que desobedecem à **linha** do partido.

Concluiu dizendo que, segundo êle, a humanidade será cada vez mais sacrificada pela exploração e pelos crimes, até que os jovens recebam uma educação calcada no estudo da verdade e só os elementos libertários em ação podem divulgar os princípios morais e sociais que levarão os homens à justiça e à fraternidade.

O citado senhor fez-me êste resumo que lhes envio **ipsis verbis** para que os companheiros deduzam o que significa o pensamento de um senhor que nunca se meteu em política e é libertário sem saber.

J. TCHOFF

ATENÇÃO

Por absoluta falta de espaço, foi-nos impossível publicar, neste número, os balancetes de novembro e dezembro, o que faremos no próximo número com os de janeiro e fevereiro.

A Redação

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis